

# O grito do Planalto

WILSON TEIXEIRA SOARES  
Coordenador de Política

O Congresso, pelas mãos nem sempre firmes do seu maior partido, deu ontem uma demonstração de dignidade à Nação, ao eleger, surpreendentemente na avaliação da maioria dos parlamentares, o senador Mário Covas líder do PMDB na Assembléia Nacional Constituinte.

Recebida até com espanto por seus cabos eleitorais, a vitória de Covas, entre seus variados méritos, significa a oxigenação imediata da instituição política brasileira, intoxicada em função do tratamento intensivo à base de gás carbônico a que foi submetida nos três primeiros meses do ano, caracterizados, acima de tudo, pela teoria cumulativa do poder.

Apressadamente decifrada como fruto apenas de um discurso típico de um homem de caráter, a eleição do senador paulista, no entanto, deve ser lida, na verdade, como o "grito do Planalto" do PMDB, equivocadamente conduzido pela sua cúpula e, em decorrência, transformado em saco de pancada do seu suposto aliado, porém irreversível inimigo, o PFL.

Para reverter uma decisão de aparente resultado pré-definido, Mário Covas valeu-se dos desastres nos quais o PMDB se vitimou. Derrotas ainda frescas na memória. Principalmente a última, ocorrida na tarde/noite da véspera da eleição, quando o líder do PFL, deputado José Lourenço, tornou a falar grosso para os dirigentes maiores do PMDB e garantiu para o seu partido a primeira vice-presidência da Constituinte.

Qualificada como desastrosa pelos líderes de todos os partidos com peso no plenário da Constituinte, do PT ao PFL, passando pelo PTB, que esfregavam as mãos ante a certeza de que o líder Luiz Henrique acumularia os dois cargos, a condução de Covas, com o passar dos dias, reserva agradáveis surpresas para os que não o conhecem.

Afinal, a condução de um homem mentalmente sadio a um cargo de tamanha envergadura abre um novo capítulo na história da redemocratização do País, a ser caracterizado por sua cristalina honestidade, qualidade que o leva a declarar,

sem rodeios, sua crença no poder da Constituinte para fazer o que bem quiser e desejar, mas que, ao mesmo tempo, lhe leva a reconhecer a inconveniência de esta soberania ser exercida ao pé da letra.

A cautela com que dirigentes do eixo moderado e radical do Congresso receberam a eleição de Covas — conscientes de que tercerão luvas com um peso pesado — foi, no entanto, festejada pelo ministro Marco Maciel como um novo e quase definitivo revés do presidente do PMDB, da Constituinte e da Câmara.

A leitura realizada nos arredores do gabinete do presidente José Sarney é, no mínimo, precipitada. Ou reveladora de ignorância em relação ao político Mário Covas, favorável a um mandato de quatro anos para o Presidente da República.

Para insônia da conexão moderada, que, valendo-se da inabilidade de progressistas e esquerdistas do partido formal do presidente Sarney, transformou-se no partido de fato do Governo.

Bem-vindo seja, senador Mário Covas.